



COPRECIS
CONGRESSO NACIONAL DE
PRÁTICAS EDUCATIVAS

PRÁTICAS EDUCATIVAS E AS UNIVERSIDADES ABERTAS À TERCEIRA IDADE: LINGUAGEM/EXPERIÊNCIA E SENSIBILIDADES COMO ÉTICA DO CUIDADO DE SI.

Autora: Janaína Leandro Ferreira

UFCG (Universidade Federal de Campina Grande). E-mail: inaleandroferreira@hotmail.com

Orientadora: Dra. Regina Coelli Gomes Nascimento

UFCG (Universidade Federal de Campina Grande). E-mail: reginacgn@gmail.com

Resumo:

O objetivo do trabalho é pensar acerca da educação enquanto ferramenta de (re)significação e ética na formação do sujeito para investigar como as instituições com perfis denominados Universidades Abertas à Terceira Idade podem produzir no exercício da intersubjetividade e do cuidado de si, uma produção de identidades heterogêneas que possibilitem outros lugares para tratar as práticas educativas, na produção dos sujeitos idosos, que compõem aquele espaço. A metodologia está centrada na leitura da oralidade como ato de “retorno” e enunciação do passado/presente como exercício de potencialidade. Para isso fundamentamos nossa escrita a partir do que propõe Larrosa (2015) sobre a experiência como linguagem que dá sentido ao que nos acontece enquanto passagem do vivido. Ortega (1999) para pensar como a intersubjetividade possibilita uma relação de cuidado de si e para e com o outro.

Palavras-chave: práticas educativas; Universidades Abertas à Terceira Idade; experiência; cuidado de si.

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br



Introdução.

O contexto acadêmico costuma estabelecer e pensar a educação dentro da relação ciência/técnica, as práticas de saber escritas em regimes de verdade, criam uma hierarquização entre os que sabem mais, os *experts*, e os que a partir do conhecimento dos mestres poderiam se apropriar das técnicas, desses mesmos conhecimentos, para desempenhar uma posição “crítica” frente a sociedade, a esses é dado o lugar de maior êxito com as práticas educativas. Mas se pensarmos a educação a partir de uma outra postura? E se as experiências com o outro pudessem ser capazes de significar outros modos de ser, de se perceber, de dizer o que nos passa e de cuidado de si na busca ética com do outro?

Quando falamos das experiências da UAMA o nosso recorte espacial é preciso, mas múltiplas são as formas de experiências que se põem nesse espaço. Digamos que a isso ou para além disso que possamos pensar uma educação que possibilite um exercício existencial quantos quadros podem ser pintados? Partindo do argumento que as palavras possuem sentidos e dão sentido, criam realidades, funcionam como mecanismos de subjetivação:

Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos. (LARROSA, 2015, p.17)

O exercício de nomeação, enunciar o que acreditamos que somos, o que fazemos, o que percebemos são lutas de palavras para se colocar diante do mundo ou silenciar-se diante dele, que agem sobre e no sujeito como práticas de dizer a si e o outro. Foucault (2006) questiona o lugar que é posto a prática de si, como uma relação privilegiada da velhice, como se esse fosse um momento da existência onde o sujeito acharia a completude, assim, para ser sujeito em toda potencialidade, seria necessário ser velho. Porém, o que proponho pensar é: como a ação dos outros ajudam a constituir em nós elementos indispensáveis para o *cuidado de si*? Quais textos e a que formas recorre quando narra existências, ditas na intensidade do que os atravessa, como essas palavras tomam forma de vida?

Metodologia.

Acreditamos que é possível caminhar nesse exercício ler através da oralidade o contar-se como “retorno” ao passado/presente um exercício, uma reflexão do sujeito sobre si através da enunciação e da experiência. Possibilitar uma



prática através disso para o *cuidado de si*, na relação consigo, com o outro e com a construção de uma história de si para o desenvolvimento daquilo que se poderia chamar de uma cultura de si no espaço escolar.

Resultados e Discussão.

Dona Esmeralda, foi uma das entrevistadas que se propôs a participar da experiência de contar-se, senhora falante, poetiza e literata da sua existência, na Universidade Aberta à Maturidade (UAMA) é comunicadora de suas dores, dos seus sabores. Quando nos encontramos uma semana após a apresentação da minha proposta de pesquisa, foi uma das primeiras a se dispor para conversar, mas preferiu tê-la ali mesmo, no casarão da UAMA, confidenciando que se sentiria mais à vontade para falar do seu cotidiano e das suas memórias. Viveu a infância em São Vicente Férrera, uma pequena cidade do brejo Pernambuco. Casou-se e foi morar em Recife onde continuou morando com a irmã após o fim do relacionamento com um português com quem tinha se casado e se separado após 45 dias de convívio. Vem para Campina Grande junto a essa mesma irmã e o marido. Trabalhou e residiu a partir daí em na cidade onde reside até hoje, conheceu a UAMA a partir das indicações de um colega do único filho ao qual dividi o cotidiano junto com a nora e as netas:

Cheguei aqui vim pra aqui, pra UAMA, porque, eu fico assim, as coisas não vem... a gente nem espera. Uma pessoa falou pra meu filho que tinha um curso dos idosos, eu então, disse: Eu quero ir [...] Aí entrei e aqui estou. Terminei o professor Mano disse: A senhora não saí mais daqui não! Todos eles me gostam! (ESMERALDA, abril, 2017)

Todas as sextas-feiras após o fim das atividades fica a espera de seu filho que a busca ao fim das aulas, alguns conflitos no lar acabaram fazendo com que fosse a primeira a se aproximar dizendo que pretendia contribuir com a pesquisa, não queria incomodar em casa com a visita de outras pessoas, podia ser que isso causasse algum constrangimento para alguém, ou mesmo pra evitar aborrecimentos, o saudosismo e a solidão estão presentes nos ditos de D. Esmeralda, mas há a necessidade de ser ouvida em sua busca. A minha questão posta para “início de conversa” foi: tentar entender como foi a chegada dela ao espaço da UAMA e quais as sensibilidades que a levam até ali, como ficou sabendo do curso para o envelhecimento:

Eu nunca gostei de ser isolada,
sentada numa cadeira assistindo

(83) 3322.3222
contato@coprecis.com.br
www.coprecis.com.br



televisão o dia todo trancada, eu não gosto. Eu gosto da vida [...] daqui eu só saí quando não pude mais andar, mas eu lá no sítio eu lia livros, ia pra São Vicente pra cidade, tinha umas primas lá, tinha romances. (ESMERALDA, abril, 2017.)

Dona Esmeralda descreve suas experiências como escritas de si, junta em punhados de palavras que lhe atravessam, pinta em cores do passado/presente um lugar para si, como existência, é narrativa literária em vidas infames, como diria Foucault (2003), recorrer a seu passado é como reafirmar e ao mesmo tempo (res)significar um lugar para si, como quem diz: eu vivi isso! “Lendo que se aprende a falar português, eu falava um português mais ou menos bom e muita gente chegava do Recife, meus parentes diziam: Esmeralda, você não parece ser uma menina do sítio [...]” O sonho era de ser jornalista, a menina que gostava de ler dentro dos matos, que as notícias da Segunda Guerra Mundial, constrói sua existência como quem constrói uma arte do dizer-se, uma verdade que subjetiva sobre si “eu sabia tudinho”, “eu sabia tudinho, eu me preocupava com isso, mas tu já pensasse?”, mas as escritas de memória não se volta para o passado pra afirmar um não-lugar no presente, mas atualiza-se no hoje para dizer “ olhe essa guerra que tá acontecendo na Síria, Jerusalém [...] eu sei da situação da Síria todinha, eu gosto de saber o que acontece no mundo, eu devia ter estudado e ser jornalista, não era?” A experiência não pode ser antecipada, ela não tem a ver com o tempo linear, da predição, não depende do nosso saber, narrada como inscrição do se coloca no limite, do dizer, do não-dizer e de como dizer. Ela está no presente, ali transpassa paixão, saudade, arrependimentos. Atualiza-se e incorpora incertezas estabelece uma conversação.

Pensamos que o espaço da UAMA é um facilitador na relação interpessoal onde as trocas são fundamentais para a construção de uma relação de confiabilidade e ressignificação pessoal, através do compartilhamento de experiências com os funcionários, professores, alunas/ alunos, e colaboradores a instituição e as representações sobre as variações das experiências da velhice que se apresentam. Espaço de fala para as experiências cotidianas, as relações dos sujeitos que ali constroem o espaço com o tempo e a memória a partir das subjetividades, espaço onde sujeitos praticam silêncios e necessidade de fala e de escuta. Diz Larrosa (2015) que a experiência como linguagem é o lugar da paixão é o enunciado do sujeito que necessita de “atenção, escuta, abertura, disponibilidade, sensibilidade, exposição. Se a linguagem da crítica elabora a reflexão do sujeito sobre si mesmo a partir do ponto de vista da ação, a linguagem da experiência elabora a reflexão de cada um sobre si mesmo a partir do ponto de vista da paixão. (LARROSA, 2015, p.68)” Elaborar com os outros,



construir espaço de escuta com abertura e disponibilidade para dizer-se ou calar-se é nesse exercício que é possível falar da elaboração de uma reflexão de si, memória lida no presente, elaborada como linguagem singular.

O compartilhar práticas culturais e de si, para si, e com o outro constitui um exercício intersubjetivo construído no espaço da UAMA em experiências partilhadas permitindo que a experiência seja subjetivada dentro de um espaço que propõe a convivência entre gerações a partir do ser-com. A intersubjetividade se apresenta a partir da linguagem da fala e pressupõe um espaço de incentivo ao ouvir, assim, se constitui um espaço de amizade onde o exercício do ouvir o outro leva a constituição de um ser com, “[...]o mundo compartilhado com os outros atua como estrutura intersubjetiva, que possibilita essa relação com o outro. O importante é o fato de uma experiência que não nasce de um sujeito isolado, mas de um mundo compartilhado.” (ORTEGA, 1999, p.138)” O encontro com o espaço que possibilita o partilhar e o encontro desenvolve na sociabilidade e nas relações de intersubjetividade o exercício do *cuidado de si*. Do retorno a experiências traumáticas, de reafirmação de um lugar de fala e do vincula de amizade que na trama produz essa relação ética do sujeito consigo mesmo.

A própria lógica que comunica o espaço se dá através das relações subjetivas e de amizades que ali se estabelecem e criam redes e enlaçamentos. D. Turmalina, outras das interlocutoras, quando menciona o que a levou a UAMA relata: “através de uma amiga que hoje é falecida, era a melhor amiga que tinha”. Dona Turmalina viveu toda infância e boa parte da juventude na cidade ajudando o pai que era ferreiro, veio morar em Campina Grande após o nascimento dos filhos que aqui estudaram, inicialmente os “meninos” vieram morar com uma prima, e com a necessidade de estudo das “meninas”, a senhora muda-se de vez para a cidade, “porque eu não confiava, a menina você sabe, né?” A conversa com D. Turmalina foi marcada de uma semana para outra, é uma das senhoras mais presentes em momentos de descontração, costura fantasias para apresentações culturais nos eventos, junto com mais duas colegas formam um trio que produzem essas apresentações teatrais, lidera essas atividades com entusiasmo, combinamos que conversaríamos antes da sua ida ao médico, ao conversarmos sobre as relações estabelecidas com os colegas, com a turma a qual passou dois anos, ali estabelecia também esse lugar de liderança:

Com a minha turma? Foi uma turma muito boa, com exceção de uma três ou quatro pessoas que eram assim, meio arredias. Mas eu sabia

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br



driblar, né? Principalmente porque eu era a tesoureira da nossa festa e quando eu dizia: Gente, é que eu quero a mensalidade, gente eu quero isso, não sei o que. Aí diziam: Ah, lá vem a mulher do pedido, mas a gente tinha que fazer isso que a nossa festa foi muito bonita, nós gastamos 30 mil reais com a nossa festa, ainda sobrou 700 reais todo mundo adorou depois. Quer dizer se a gente tivesse gastado isso todo e ninguém tivesse gostado, mas não teve uma pessoa que não estivesse gostando da nossa festa (TURMALINA, março de 2017).

As experiências intersubjetivas não estão ausentes de conflitos, a sociabilidade com os outros. Com a conclusão do dois anos de curso, os alunos passam por todos os rituais de finalização de curso, cerimônias de colação de graus acadêmicos e formatura são ansiosamente esperados pelos alunos. Já no início do período letivo é formulado uma comissão organizadora para liderar a organização da festa, do baile, fotografias para registrar o momento que nem sempre foram vivenciados por todos os alunos, já que muitos deles tem níveis distintos de alfabetização e especialização profissional, se trata de turmas bastante heterogêneas em relação a “educação formal”. Assim, esse momento de confraternização entre as famílias e amigos é esperado com ansiedade, mas também gera momentos de conflitos, queixas em relação as mensalidades que ficam acordadas e organizadas entre o próprio grupo ocorre sem intervenção direta da coordenação, assim, elegem lideranças para exercer esses papéis de representatividade para resolução de questões mais gerais, em relação a própria dinâmica das aulas e as demandas das “solenidades de formatura”, é um momento muito valorizado por eles, pois, trata-se também de um momento de compartilhar com a família e amigos a concretização de um projeto, de dar a si visibilidade e protagonismo. Porém, as divergências de ordem econômica e mesmo disputas de poder acabam criando divergências. Mas a subjetividade que se encontra no cuidado com o outro se intensifica nas relações de reciprocidade e empatia coletivas que são construídas. Essa questão é fundamental para a própria constituição dos sujeitos, Ortega (1999) argumenta a inseparabilidade da ética de si e da política, “o cuidado de si apresenta-se como condição pedagógica, ética e ontológica na constituição de um bom governador, pois constitui-se como governador pressupõe haver-se constituído como indivíduo que cuida de si. (ORTEGA, 1999, p.128)” o investimento com o cuidado de si e do outro faz com que outros conflitos se estabeleçam, ainda a respeito da fala de D. Turmalina quando pergunto as impressões em relação aos colegas de turma em relação ao apoio da família:

Eu vejo gente dizendo: eu não vou não, porque minha filha quer que eu fique limpando a casa, eu fico com minha neta. Não, no dia de eu vir

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br



para UAMA não tem esse negócio não, eles querem que eu venha demais. E olhe que eu trabalho, minha filha! Eu costuro, eu bordo, eu pinto, eu faço tudo. Eu que faço se faltar energia, um fio quebrar eu que conserto. Quando tem vazamento de água eu quem conserto, eu limpo o meu quintal, eu faço tudo! Eu trabalho feito uma louca, mas eu gosto. Eu gosto! Eu fui criada trabalhando e não é por isso que eu vou me acomodar. Só fazem seis meses que eu tomo remédio de pressão, eu nunca tinha tomado remédio de pressão, só fazem seis meses que eu tomo! E estou me dando bem! (TURMALINA, março 2017.)

Uma construção de identidade em relação aos alunos que por questões intervenções negativas vindas da família ao bom andamento do colega para que aproveite as oportunidades oferecidas pelo espaço é visto com maus olhos pelos colegas. A ideia do aprendizado como possibilidade de autonomia, ampliação dos círculos de amizade e a possibilidade de novas experiências possíveis de serem vivenciadas ali constrói uma imagem positiva para quem envelhecimento ou o sujeito “ativo”. Em contrapartida aquele que não se adequa tão bem frequentemente serão os que vão carregar os estereótipos da inadequação, do desleixo consigo. Debert (2004) a respeito das críticas que os as Universidades Abertas à Terceira Idade como espaço que ocasiona segregação, na medida que estabelece, inclusive entre os idosos, uma hierarquização, ou seja, a experiência ideal seria a “ativa”, e do outro lado ficariam as demais experiências, dos idosos que se restringiria ao ambiente doméstico ou mesmo os asilados, os velhos de verdade pois teriam maior grau de dependência, viveriam imersos em ilhas de solidão e carência afetiva. No entanto, essas críticas perdem de vistas o sentido que esses espaços assumem para os alunos criando uma experiência de “cultura da terceira idade”, que encoraja, possibilita um espaço de interação geracional e de experiências mobilizadoras. A fala de D. Turmalina ao (res)significa seu lugar de luta, nas representações ditas em escritas de si sobre o passado (re)constrói um lugar de identidade, nas lutas que no passado, a princípio com o pai, posteriormente, com o marido, sempre se volta em enunciados das questões do trabalho e para a gestão familiar. Os momentos em que rememorou as experiências com o companheiro, as lágrimas sempre se apresentavam, a linguagem da saudade e do amor é presença constante:

Eu melhorei 200%. Sim, porque quando eu entrei na UAMA meu marido já tinha falecido, ele faleceu em 2012, no dia 12 de setembro. Dia 09 de setembro de 2012. E com seis meses de morte do meu marido, meu filho tentou suicídio [...] eu fiquei arrasada, eu não queria mais sair. Eu não sei quem foi me visitar, as pessoas que foram. Mulher, naquele dia tu estava assim. Eu não me lembro, eu só sei que me lembro quando disseram. Eu não me lembro nem quando meu filho disse que meu marido tinha morrido, porque eu fiquei

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br



louca. E quando houve esse negócio com meu filho eu fiquei arrasada. Não queria saber mais de nada só queria sumir, desaparecer e essa amiga me dando muito apoio, muito apoio, meus filhos também. Me dando muito apoio, aí foi quando eu vim pra UAMA que tirou tudo isso, sinto saudades do meu marido, eu gosto de falar sobre ele, eu gosto de chorar com saudades dele, mas aí me alivia. (TURMALINA, março, 2003)

Quando falam de si, dos acontecimentos que os levaram a procurar o espaço, é recorrente que as narrativas estejam enlaçadas à histórias de perdas, abandono, viuvez, subjetivações e sensibilidades que tendem a associar a chegada a UAMA como uma experiência de retorno a si, de reelaboração de potencialidades do existir, principalmente das mulheres, a experiência que se elabora em linguagem, narrando dores, seus amores, como no que nos fala D. Turmalina, contam o tempo em dias, aos quais ela adiciona nos dias de ausência com a morte, que conta desde a partida de seu amado, podem ser lidas como narrativas que curam, que cuidam que (re)examina, (re)cria, (re)nova passagens da existência elaborando o exercício do cuidado de si como incorporado a própria vida “ sinto saudades do meu marido, eu gosto de falar sobre ele, eu gosto de chorar com saudades, mas aí me alivia”, as dores da quase perda do filho.

Debert (2004) faz uma crítica pertinente as hipóteses que leem as experiências humanas que vivem a velhice como parte de um sistema que pretendeu buscar explicações homogêneas, que acabam minimizando as diferenças entre os sujeitos, e inclusive, as de gênero. O autor argumenta que muitos dos que pretenderam estabelecer reflexões acerca do gênero e envelhecimento tendem a olhar o envelhecimento feminino com algum tom de otimismo, a velhice feminina seria mais suave do que a masculina, já que a mulher não haveria de experimentar uma ruptura busca em relação ao trabalho, o que indica que tal posição partiria do pressuposto que mulheres não teria um rompimento com o trabalho porque teria em sua maioria se dedicado ao lar e a procriação, em contrapartida os homens com a aposentadoria e uma existência mais “ativa”. Pelo seu próprio “organismo”, gravidez, a lactância e a menstruação seriam mecanismos que lhe permitiam enfrentar melhor que os homens as transformações, argumento que se fundamenta nos velhos pressupostos biológicos, minimizando e simplificado as experiências de gênero.

Esse debate levado a esses termos acaba reforçando uma oposição binária, reforçando a ideia de “natureza” de uns e outros para determinadas funções, a existência como um dado pronto, remetendo uma identidade feminina e uma experiência universal com a velhice para essas e para



eles, com fórmulas imutáveis. Mas quais as sensibilidades que cada indivíduo nas suas relações com o outro “traduz” sua existência?

A UAMA é o espaço praticado por aqueles que ali se encontram, para alguns uma maneira de lidar com a experiência da morte e da dor e da saudade, “nos saímos da UAMA, mas a UAMA não saiu da gente de jeito nenhum”, argumenta D. Turmalina, às experiências com o *cuidado de si* como performances enunciativas ao que parece buscam na prática uma reflexão, voltar-se para si, construindo novas subjetividades não no retorno ao passado por efeito da busca de um saudosismo, mas as subjetividades (res)significadas no presente buscam na escrita de si novas formas de lidar com a saudade, com a dor, com os ressentimentos em relação ao passado.

Expressa-se comunicando ao outro, uma experiência traumática, uma memória guardada a sete chaves, como naqueles baús que se vez ou outra vamos lá remexer a poeira, mas não a poeira do esquecimento, mas a de quem busca (re)arrumar os lugares, pôr novos aromas, assim sendo, os sentimentos mantêm expressão é uma relação com a vida e com a morte, dar vida para trazer à tona fantasmas, de si, dos outros,

é uma espécie de operação que incide sobre o modo de ser do próprio sujeito, não simplesmente a transmissão de um saber que pudesse ocupar o lugar ou ser o substituto da ignorância. A questão que se coloca é a seguinte: qual é, pois, a ação do outro que é necessária a constituição do sujeito por ele mesmo? De que modo vem ela inscrever como elemento indispensável do cuidado de si? O que é, por assim dizer, esta mão estendida, esta “edução” que não é educação, mas outra coisa ou uma coisa a mais que educação? (FOUCAULT, 2006, p.166)

A “edução” poderia ser lida como uma maneira de buscar no cuidado de si as potencialidades do sujeito, sabemos que a educação pode enquanto ferramenta política conduzir, manter, modificar e apropriar-se dos discursos, produz sujeitos, pode violentá-los, exerce poder sobre eles, mas pode ser território de negação de violência, que potencializa afeto. Narrar acontecimentos marcantes nas formas de dizer a si, de autobiografar-se, e isto, porque, como construção social e histórica implica uma elaboração de linguagem é necessário que seja possível de expressá-la por meio de gestos, enunciados, ações e reações. A relação consigo e com o outro possibilita uma interlocução, o outro como mediador de si, em um espaço de compartilhamento, para a prática de si, através da linguagem e por intermédio do outro se deseja chegar a uma relação consigo, o *cuidado de si* necessita da presença, da interseção, da



identificação, da intervenção do outro para constituição do sujeito para que ele possa chegar à contínua e permanente sobre posse de si.

Conclusão.

A experiência lida com a vida possibilita uma relação com a arte, aqui pensamos a educação como algo mais ligado a arte do que propriamente a partir das categorias de técnica/prática, mas uma possibilidade ética de liberdade e de emancipação do sujeito, assim, a experiência com o outro na UAMA, possibilitam aos idosos que a linguagem aprendida como fala e a educação como experiência possam dar sentido e novas potencialidades ao existir, no exercício de reelaboração de vida a partir do que acontece, sobre algo que toca, e é dado a falar, pensar a educação a partir do que Larrosa (2015) propõe um par experiência/ sentido. Ler as palavras como mecanismos de subjetivação, “as palavras com que nomeamos o que somos, o que fazemos, o que pensamos, o que percebemos ou o que sentimos são mais do que simplesmente palavras. (LARROSA, 2015, p.18)” Voltar a um ambiente escolar, tem um papel diferenciado, nesse sentido, projetos educacionais que propiciam aos idosos o espaço da fala de da troca de práticas de saberes através de ações intergeracionais está vinculado a possibilidade de produzir transformação nos sujeitos de produzir espaço de sociabilidades, permitindo a possibilidade de descobertas, de experiências com o novo, o contexto intersubjetivo produz na interação uma relação entre o cuidado de si e o conhecimento de si.

Referências bibliográficas.

AGRA DO Ó, Alarcon. **A força de ontem, a ruína de hoje:** Graciliano Ramos e um relato acerca da velhice. Recife: ANPUH V encontro Nordestino de História e V Encontro Nacional de História, 2004.



ASSMANN, Aleida. **Espaços de recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2011.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice: a realidade incômoda**. São Paulo: Difusora Europeia do Livro, 1970.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Estudos Brasileiros, 1979.

CACHIONI, Meire. et. al. Metodologias e estratégias pedagógicas utilizadas por educadores de uma Universidade Aberta a Maturidade. **Educação & Realidade**. Porto Alegre. V.40, n. 1, p. 81-103, jan./mar. 2015.

CAVALCANTE, Silêde Leila Oliveira. **Do velho instituído pelo discurso da caridade e da higiene ao idoso saudável inventado pelos saberes gerontogeriátricos**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História e Filosofia da UFPE, 2013.

ELIAS N. **A solidão dos moribundos seguindo de Envelhecer e Morrer**. 1ªed. Rio de Janeiro: Zagar, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. 2ª edição – São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. A vida dos homens infames. In: _____. **Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p.203-222.

_____. **História da sexualidade 3: o cuidado de si**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

_____. **O governo de si e dos outros. Curso de College de France (1982-1983)**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

_____. Verdade e subjectividade (Howison Lectures). **Revista de Comunicação e linguagem**. N.º 19. Lisboa: Edições Cosmos, 1993. p. 203-223.



COPRECIS
CONGRESSO NACIONAL DE
PRÁTICAS EDUCATIVAS

LAROSSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

_____. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Editora Graal Ltda, 1999.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. 3ªed. São Paulo: Contexto, 2014.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: Foucault e a escrita de si de Ivone Gebara**. In: SOUZA, Luís Antônio Francisco de; SABATINE, Thiago Teixeira; MAGALHÃES, Bóris Ribeiro de. Michel Foucault: sexualidade, corpo e direito. Marília: Cultura Acadêmica Editora, 2011.

RAMOS, Keila Queiroz e Silva. **Os corpos enrugados e meus “outros” espelhos etários**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia/CCHLA da UFPB, 2008.

SOARES, Magda. **Metamemórias-memórias: travessia de uma educadora**. 2ª.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

THOMSON, Alistair. Recompôr memórias: questões sobre a relação entre História Oral e as memórias. **Projeto História**. (15), abr. 1997.

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br